

BRAGANÇA JÚNIOR, Á. A. ; SANTOS, M. B. D. Considerações a respeito do Renascimento Carolíngio. Encontro Regional da Abrem, 1, Rio de Janeiro, 08 a 10 de novembro de 2006. BASTOS, M. J., FORTES, C. C. e SILVA, L. R. (Org.). *Atas...* Rio de Janeiro: H P Comunicação, 2007. p. 240-247.

## **Considerações a respeito do Renascimento Carolíngio**

Maria Beatriz D. C. dos Santos<sup>1</sup>  
Álvaro Alfredo Bragança Júnior<sup>2</sup>

O Renascimento carolíngio teria sido o primeiro passo para o desenvolvimento cultural e educacional nos primórdios da Idade Média? Esta é uma questão delicada no que tange ao reconhecimento deste período. Este espaço temporal é merecedor de algumas considerações, visto que não somente uma significativa gama de textos começou a se fazer notar, como também vários elementos relativos à cultura do medievo despontaram como prioridade numa sociedade até então com pouca produção escrita. Além disto, este renascimento contribuiu para um dos momentos de maior importância no desenvolvimento do Ocidente Medieval: a legitimação do reinado de Carlos Magno (74?-814), rei e imperador cristão dos francos. Ainda que tivesse um caráter embrionário, o resultado deste Renascimento poderia ter corroborado para a elevação do nível cultural do Ocidente e o conseqüente desenvolvimento das futuras universidades nos séculos posteriores.

### ***Influências e motivação para o Renascimento carolíngio***

Para Michael Angold, a conversão da Europa Ocidental para o cristianismo favoreceu o surgimento de variadas culturas cristãs, que se desenvolveram de maneira própria<sup>3</sup>. A Grã-Bretanha e a Irlanda, por exemplo, mostraram uma surpreendente precocidade no que se refere à educação, erudição e arte. Influenciado por este florescimento cultural inglês que se expandiu para o continente no século VIII, o Renascimento carolíngio através do Império de Carlos Magno encontrou as condições favoráveis ao seu desenvolvimento. O mundo carolíngio torna-se, então, após este primeiro impulso cultural ocorrido nas ilhas britânicas, o segundo pólo de desenvolvimento cultural da cristandade, encerrando em si mesmo a busca na teologia dos Padres latinos um modo de diferenciar-se do seu entorno.

Poderíamos dizer que, ao unir a necessidade de fortalecimento de seu poder à consolidação dos territórios já conquistados, Carlos Magno tenha utilizado um dos meios mais eficazes de apoio às suas intenções de soberano, quais sejam, a utilização da cultura e do saber erudito a seu serviço. Mesmo que estes dois elementos tenham atingido apenas uma pequena parcela da sociedade de sua época (seu *entourage*), os impactos foram significativos. A necessidade de reorganização do ensino com o intuito de obter um clero melhor qualificado e uma nobreza constituída por indivíduos aptos a assegurar o bom desenvolvimento administrativo de um reino centralizado poderia ser considerado como o primeiro impulso deste período, caracterizado por uma renovação cultural. Carlos Magno teria elaborado uma "fórmula" ao unir alguns ingredientes que, uma vez misturados, lhe permitiram uma aliança entre a sua legitimação como soberano e o incentivo à cultura em plena Alta Idade Média, assim encontrando nesta aliança, como conseqüência, os subsídios que reforçaram e embasaram uma proposta política de governo, que visava o estabelecimento de uma ordem e de uma unidade.

Marcar a importância do Renascimento carolíngio para este período em que se passa a priorizar as obras escritas (religiosas ou não), as quais trazem à luz informa-

ções relacionadas à formação deste reinado, é considerar o desenvolvimento de um renascimento cultural. Talvez um dos comentários mais importantes sobre o Renascimento Carolíngio esteja, justamente, relacionado ao que o define como tal. O objetivo do presente trabalho não é chegar a nenhuma definição exata, mas partir de considerações propostas por alguns autores sobre o referido tema para explanar o que este Renascimento alavancou. Alguns estudiosos modernos consideram satisfatório o termo Renascimento para este momento, pois houve um elemento de renovação na redescoberta da cópia de importantes textos clássicos de autores como Tito Lívio, Tácito e Terêncio, bem como textos astronômicos e astrológicos contendo ilustrações com primorosas reproduções de miniaturas de fins do período romano.

### ***Alguns conceitos teóricos sobre a Renascença carolíngia***

Partindo da consideração de Jean Favier para quem o Renascimento "...é uma dinâmica, e uma dinâmica do Estado, uma vez que este assume a missão que lhe é atribuída por Deus: levar os homens à salvação. O Renascimento é ao mesmo tempo obra política e obra de fé..."<sup>4</sup>, podemos levar em conta que esta etapa foi importante na formação da estrutura social administrativa de Carlos Magno, configurando quadros hierárquicos, tanto no mundo laico quanto no mundo monástico. Aos detentores dos cargos cabia assegurar a soberania do rei, fazer mostrar a sua autoridade, garantir que suas vontades fossem compreendidas e respeitadas. Surge então a necessidade da unificação de uma língua e uma mudança na escrita se faz necessária. Esta mudança da escrita deve-se não somente a uma necessidade administrativa para a difusão correta e legível das capitulares reais, como também para permitir uma escrita mais fácil de ser entendida. Carlos Magno cerca-se de pessoas cultas, especialmente dos clérigos.<sup>5</sup> As escrituras são parte de um mecanismo de estruturação política e para isso Carlos Magno apóia-se em pessoas importantes do meio cultural (Alcuíno, Paulo Diácono, Eginardo, etc), que colaboram para a construção das bases deste "edifício" administrativo. Alguns tornaram-se seus conselheiros próximos, seu *entourage*, desfrutando da sua confiança.

Este período de estruturação social e política e de priorização das fontes escritas trazendo à luz informações relacionadas à consolidação deste novo modelo de administração e gerência do reino é um momento pleno no desenvolvimento da Educação. Um novo tipo de educação é organizado, como afirma Pierre Riché, que influenciará a história da cultura ocidental até o século XII. A tentativa de uma unificação da língua, no caso privilegiou-se o Latim<sup>6</sup>, especialmente no que se refere à escrita, seria um primeiro passo em direção a uma parte ou a uma minoria da sociedade que compreendesse a si mesma ou que se fizesse compreender. A relevância deste primeiro passo está diretamente relacionada à execução das ordens reais. Uma observação importante feita por Michael Angold<sup>7</sup>(2002, p.102) aponta para o fato de que uma característica que, com mais ênfase, distanciou a educação carolíngia do passado clássico foi justamente o fato do latim ser então ensinado como língua morta, com uma pronúncia especial, que o diferenciava do latim vulgar da fala cotidiana. O autor assevera ser esse um aspecto perpétuo da cultura medieval ocidental, levando à criação de uma elite culta que trabalhava uma língua artificial.

### ***O Renascimento como reconstituição cultural***

Além da implementação do latim, os eruditos da época retornaram à letra antiga "minúscula latina", mais legível, renomeando-a de "carolina" ou "minúscula carolíngia", que porta este nome em homenagem a Carlos Magno, isto é, *Carolus Magnus*, em latim, em um momento no qual, com o intuito de uniformizar as diferentes escritas regionais utilizadas até então, ele privilegia o novo tipo visando, segundo Jean Favier, a unificação do seu reinado e fazer saber a todos que ele é rei, pois a minúscula

"carolina" não seria apenas o indício de um Renascimento intelectual e artístico, mas também, a curto prazo, um instrumento de solidificação e aumento de autoridade. A intensidade da cultura literária na corte carolíngia é perceptível graças, justamente, ao surgimento desta letra em fins do século VIII. Anteriormente, os manuscritos eram escritos na impressionante mas laboriosa letra uncial. Em suma, aos poucos foi-se substituindo os textos em escrita antiga. Com respeito a esse fato, diz-se que a adoção da minúscula carolíngia teve um efeito similar ao da prensa tipográfica, no sentido de que acelerou o processo de copiar manuscritos e criou uma atitude mais utilitária em relação ao livro.

Segundo Vitoretto, este Renascimento só foi possível devido às condições históricas presentes na sociedade da época<sup>8</sup>. Estas caracterizavam-se pelos novos ordenamentos sociais decorrentes da rede de dependência pessoal provinda das doações de terras, da atuação do poder real (centralizado) e pela existência de locais, nos quais um nível satisfatório de educação fora preservado. Mesmo tendo um alcance limitado, a utilização da escrita foi um dos instrumentos fundamentais empregado com o propósito de estabelecer ordem e unidade aos territórios conferidos a Carlos Magno. Jacques Le Goff afirma que, embora o Renascimento Carolíngio não seja analisado como um movimento de grande desenvolvimento intelectual<sup>9</sup>, ele suscitou um grande conjunto de mudanças econômicas, políticas, sociais e religiosas da sociedade carolíngia e que estão diretamente ligadas à estrutura do governo de Carlos Magno. As produções de obras literárias na corte carolíngia escritas em língua vulgar não se destacaram tanto, num primeiro momento, quanto as obras eruditas, pois estas eram consideradas mais importantes para a ordenação de uma sociedade cristã. Ainda assim, para este mesmo autor o Renascimento

*"...foi uma etapa na constituição da instrumentalização intelectual e artística do Ocidente medieval, foi um fenômeno brilhante e superficial destinado a satisfazer as necessidades de um pequeno grupo aristocrático de acordo com a vontade de Carlos Magno e seus sucessores e com a hierarquia eclesiástica, melhorando com isso os quadros laicos e eclesiásticos do grandioso e frágil edifício carolíngio..."*<sup>10</sup>

### ***O papel dos monastérios e dos clérigos no Renascimento carolíngio***

Os monastérios constituíam-se em verdadeiros pólos da política cultural carolíngia. Cada mosteiro é considerado uma verdadeira "editora". Como já mencionado antes, Carlos Magno não teria conseguido o impulso necessário para este período sem a colaboração religiosa e política dos clérigos. A participação destes no processo administrativo foi, sem dúvida, essencial, pois a elaboração das capitulares reais era realizada por estes eruditos que faziam parte do *entourage* de Carlos Magno. A capitular *Admonitio Generalis* de 789 é um exemplo vasto de assistência à política escolar e da unificação litúrgica do reino. Esta capitular mostra claramente, que o renascimento carolíngio não foi uma obra espontânea, mas sim o resultado da compreensão por Carlos Magno de suas responsabilidades morais como governante cristão. Os *scriptoria* são, portanto, fundamentais como estabelecimentos para a execução de cópias dos textos corretos, ou melhor, com probabilidades maiores de isenção de possíveis erros. Alguns monastérios destacaram-se em meio a estas produções como, por exemplo, o de Saint-Gall, de Fulda e de Saint-Riquier. É um prodigioso trabalho de ateliês formados por escribas carolíngios, iniciado com o reinado de Carlos Magno, e que se prolongará sem interrupção por todo o século IX. Graças ao trabalho destes é que as obras escritas pelos Padres da Igreja, pelos gramáticos e retóricos, pelos poetas e por prosadores latinos puderam ser conservadas nas bibliotecas.

Assim como os mosteiros destacaram-se pela circulação de manuscritos, alguns eruditos mereceram este destaque como Alcuíno, monge anglo-saxão, que servia a Carlos Magno como seu conselheiro político e religioso. É a cultura a serviço do Império cristão, conjugada aos intuitos políticos do soberano, e mais ainda a ambição intelectual dos clérigos que cercavam os primeiros soberanos carolíngios que asseguraram, segundo Torres, as condições necessárias de uma demanda social de desenvolvimento intelectual, direcionando o Ocidente para um processo de "autoafirmação"<sup>11</sup>. Sem dúvida, o papel mais importante nesse primeiro Renascimento coube a Alcuíno, que assumiu durante quase 20 anos a direção da escola palatina, criada no palácio de Carlos Magno, em Aix-la-Chapelle, e com ele o classicismo latino e o rigor litúrgico irão triunfar na corte carolíngia. Dentre as suas atribuições encontra-se a sua responsabilidade pela criação de um livro de cerimônias litúrgicas, o sacramentário, que conferiu uma certa uniformidade à celebração litúrgica na Igreja franca. Isto teve como consequência futura os fundamentos para o moderno missal. Outra tarefa que coube a Alcuíno executar foi a criação de um texto padrão da Bíblia<sup>12</sup>, tendo para esta tarefa a colaboração de Teodulfo, erudito a serviço do rei. Alcuíno tornou-se abade de Saint-Martin de Tours, fazendo deste local um dos centros mais dinâmicos do Renascimento carolíngio e suas relações com Carlos Magno favoreceram uma verdadeira difusão cultural através da igreja de Tours.

Assim como Alcuíno, outros clérigos contribuíram para a "fermentação" do Renascimento carolíngio. Paulo, o Diácono, é um lombardo que se integra à corte de Carlos Magno por sua vasta cultura, seu conhecimento da gramática, seu talento de poeta e suas qualidades de orador. Este profundo conhecedor do grego teve uma passagem curta pela corte carolíngia, o que lhe permitiu somente acompanhar os primórdios do Renascimento. Já Pedro de Pisa, italiano e gramático, é um dos primeiros a fazer parte do *entourage* de letrados de Carlos Magno, conquistando o rei franco quando este viaja para a Itália em 781, além de Paulino de Aquilêia, também italiano, gramático e poeta, conselheiro tanto político quanto eclesiástico do rei. Este tornou-se um grande aliado de Carlos Magno no combate à heresia em sua província e um colaborador fervoroso em suas ações na busca da unidade religiosa. Mesclando em seus escritos a ciência religiosa e a arte literária, o aquitano Teodulfo, poeta e teólogo destaca-se neste *entourage* como conhecedor dos autores clássicos e dos Padres da Igreja, curioso da aritmética e também da geometria. Nas querelas teológicas que abalaram a cristandade<sup>13</sup>, ele foi o teólogo do rei por excelência, compondo os *Libri carolini* (Livros carolíngios). Cabe aqui uma observação sobre esta primeira geração de letrados do Renascimento: estes eram eruditos vindos de fora, do "estrangeiro", à exceção de Eginardo, que veio a fazer parte deste seleto grupo mais tarde e de Agilberto, que se tornou homem de confiança da diplomacia real, legítimos francos, pois estes ainda eram raros entre os intelectuais da corte. Isto poderia mostrar a diversidade das escolhas de Carlos Magno e um sinal da necessidade de uma reforma para seguir o bom caminho da unidade e da ordem de seu reino.

### ***As bibliotecas, os livros e as escolas: propagação da cultura***

Pierre Riché relembra que o Renascimento carolíngio foi encorajado primeiramente por Pepino, o Breve, e continuado por Carlos Magno. O objetivo deste último estaria atrelado ao intuito de restaurar a cultura religiosa, assegurando a todas as igrejas a boa liturgia, equiparando-se em grande parte a de Roma. Era necessário o conhecimento correto da língua latina, como já enfatizado antes. Esse processo incidiu diretamente nos livros e, conseqüentemente, nas bibliotecas, pois o âmago do Renascimento continha projetos como o de "orar bem a Deus", o que mal se conseguia devido à redação imperfeita de algumas obras ou ainda à falta de livros que pudessem suprir esta prerrogativa<sup>14</sup>. Os pensadores carolíngios iniciaram a elaboração de uma

norma monástica padronizada, inspirada na de São Bento. Os subprodutos destes projetos são traduzidos, de um modo geral, no novo padrão de escrita, variedade na literatura e intensificação da cultura com o uso da letra "carolina", essa minúscula de pequeno módulo, regular, que separava os espaços entre as palavras, adotada pouco a pouco, e que se impôs em quase todo o Ocidente.

Para Riché é preciso reconhecer que a dívida que a cultura européia tem para com os escribas carolíngios é enorme e que sem eles o conhecimento das letras latinas antigas estaria comprometido. As palavras de Alcuíno na inscrição gravada na porta do *scriptorium* de sua abadia<sup>15</sup> não foge aos verdadeiros objetivos desta grande produção de livros associada ao programa administrativo do governo de Carlos Magno. O prodigioso trabalho dos escribas levou as bibliotecas a continuarem o enriquecimento de seus acervos no século IX, beneficiando uma cultura que se tornava cada vez mais humanista. O livro surge, então, ao mesmo tempo como o instrumento principal do Renascimento e também como seu primeiro fruto. Conservados em grande número nos centros culturais, os livros encontravam-se em diferentes partes do Império. Os catálogos começam a despontar como uma forma de assegurar ao proprietário o seu real acervo. Naqueles já era possível encontrar os nomes de proprietários, para a devolução em caso de empréstimo, as condições em que se encontravam as obras, tanto em seu estado físico quanto também em seu conteúdo, se era "velho, mal escrito e de difícil leitura". Era possível, ainda, encontrar a lista dos livros procurados. Tem-se, assim, a biblioteca começando a ganhar sua "forma".

A posse dos livros não era privilégio dos clérigos e dos mosteiros que os produziam. Os poucos leigos que eram letrados, a exemplo dos reis carolíngios, também possuíam as suas bibliotecas. Carlos Magno foi um dos grandes *commanditaires* de livros<sup>16</sup>. Segundo o catálogo da biblioteca de Aix-la-Chapelle, o rei possuía obras de variados autores, dentre os quais se destacam Beda, Isidoro e Lucano. Seus sucessores foram amantes de livros produzidos em Tours e Saint-Denis, que eram compartilhados com os aristocratas, os quais também acrescentavam às suas bibliotecas obras de grande importância. Jacques Le Goff destaca que este período marca a importância que passa a ser atribuída à imagem "muda", sustentada por sua afirmação de que a "Idade Média será o tempo do Livro e dos livros". Desta vez é o livro ganhando o seu espaço de destaque e importância numa sociedade que passa a se guiar por estas "imagens mudas", repletas de informações e ordens que, com o objetivo de alimentar as almas, ia preparando esta mesma sociedade para um futuro.

Esta pequena onda formada pela propagação das bibliotecas e do aumento da produção de livros chega às escolas, que até então serviam a uma minoria de privilegiados. As escolas não são criação de Carlos Magno, pois o nascimento delas é anterior a ele, como afirma Riché. Elas apareceram desde o século VI, organizadas pelos clérigos, cujo programa se fundamentava nas Santas Escrituras. Favier ressalta que nas escolas deste período não se cultiva a cultura clássica enquanto tal e os clérigos não sabiam o que fazer com a maioria das disciplinas classificadas a partir do século V entre as "artes liberais". Do *trivium* ("três vias" dos meios de raciocínio e de expressão) mantém-se essencialmente a gramática; quanto ao *quadrivium* (meios do conhecimento) só se mantém aquilo que seria útil à vida cristã: a aritmética e o cômputo eclesiástico, que permitia estabelecer o calendário e a fixação do dia da Páscoa. Voltando à capitular de 789, *Admonitio Generalis*, vemos que a preocupação de Carlos Magno era com o fornecimento de orientações específicas aos clérigos, que precisavam corrigir as suas deficiências para que pudessem adquirir condições de implementar o programa de ensino. Nota-se a preocupação do rei com a vocação pedagógica dos mestres que irão praticar o ensino. Conforme Vitoretto<sup>17</sup>, a formação intelectual era condição fundamental para que os religiosos desempenhassem a contento as suas

funções, que iriam influenciar sobre a atuação destes nas igrejas e na sociedade como um todo.

Um outro pensamento de Carlos Magno sobre o desenvolvimento do ensino também foi formulado e divulgado através da circular *De litteris collendis*, que havia sido sugerida por Alcuíno e enviada aos bispos e abades entre 794 e 800. Nesta circular encontra-se o desenvolvimento da "concepção" de cultura do rei, que vem para colaborar na expressão da fé cristã. O rei almejava ir mais longe com o seu objetivo de renovação cultural restaurando as escolas, que começariam a despontar então como o meio difusor do trabalho destes clérigos, agora em condições mais favorecidas para ensinar<sup>18</sup>. Estas por sua vez crescem e se expandem através das escolas monásticas e das escolas catedralícias, esboçando um primeiro momento das futuras universidades, que surgem justamente a partir da expansão destas escolas. Vê-se o ensino elaborando e construindo o seu caminho por meio deste primeiro Renascimento carolíngio.

### **Conclusão**

Discutir ou elaborar considerações sobre o Renascimento carolíngio é falar sobre uma questão infinita, mesmo considerando que as fontes conservadas e que nos remetem a este período não se apresentam em grande número. Este Renascimento ou *Renovatio*, como alguns costumam se referir, poderia ter muitas faces ou "máscaras" que poderiam se traduzir em um programa de cunho político ou religioso, quem sabe social ou ainda filosófico. O Renascimento pode sofrer tanto críticas duras, quanto elogios que enaltecem a dinastia carolíngia, responsabilizando-o pelo primeiro passo do desenvolvimento cultural da Alta Idade Média. Para alguns, o impulso dado por Carlos Magno ao programa dos estudos, incentivando o crescimento das escolas, para que estas pudessem atingir um público maior, tem seu mérito reconhecido. As capitulares estavam lá para assegurar a moralização social e mostrar por escrito os intuítos reais e garantir que estes fossem executados. Contudo, para outros, a grande "mácula" deste Renascimento tenha sido, talvez, a prioridade dada às cópias quase mecânicas dos livros necessários para o cumprimento das ordens reais, embutidas no programa político-religioso do governo de Carlos Magno. A falta de originalidade é acusada e a preocupação com o copiar e não com o criar é denunciada. Deveríamos ver este Renascimento como um processo "embrionário" de formação e preparação, pela dinastia carolíngia, para um futuro próximo, que caminhou lentamente e através de etapas. Longe pensar que somente as "elites" governadas pelo rei foram agraciadas com o Renascimento, pois devemos perceber que embora Carlos Magno não pudesse de fato possuir uma "consciência" intelectual e educacional como diz Torres<sup>19</sup>, o pioneirismo deste movimento deve ser ressaltado assim como o reconhecimento da importância fundamental que ele representou para os séculos vindouros, alavancando o desenvolvimento das universidades, por exemplo. Se o Renascimento teria sido ou não uma obra do governo de Carlos Magno ainda se discute, porém incontestemente é o fato de que, antes de tudo, ele foi uma obra do homem ocidental na busca do seu futuro cultural e educacional.

### **NOTAS**

<sup>1</sup> Universidade Federal Fluminense, selecionada para o Mestrado em História Medieval (2007), graduada em Biblioteconomia e Documentação, UFF, 1993.

<sup>2</sup> Professor Adjunto da Faculdade de Letras/UFRJ e do Programa de Pós-Graduação em História Comparada/ UFRJ.

<sup>3</sup> ANGOLD, Michael. **Bizâncio: a ponte da Antigüidade para a Idade Média**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

<sup>4</sup> FAVIER, Jean. **Carlos Magno**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

---

<sup>5</sup> RICHÉ, Pierre. **Education et culture dans l'Occident barbare-VI-VIII siècles**. Paris: Editions Point-Seuil, 1962.

<sup>6</sup> O latim foi privilegiado, porque era a língua da Igreja romana, portanto da Igreja do Ocidente. Não se optou pelo grego por ser uma língua que não possuía utilidade nos cultos e era associada a uma civilização bizantina que, a partir da iconoclastia, só inspirava a desconfiança. (FAVIER: 2004, 415)

<sup>7</sup> Cf. ANGOLD: 2002, 102.

<sup>8</sup> VITORETTI, Regiani Aparecida. *Admonitio Generalis*: Sociedade e Educação no governo de Carlos Magno. In: Seminário de Pesquisa do PPE, 2004, Maringá. **Resumos e trabalhos completos**. Maringá: UEM/DTP/DFE, 2004. p. 32-39.

<sup>9</sup> LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais da Idade Média**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2003.

<sup>10</sup> LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente Medieval**. São Paulo: Edusc, 2005. p. 121.

<sup>11</sup> TÔRRES, Moisés Romanazzi. O desenvolvimento da cultura letrada nas Ilhas do Norte e sua influência no mundo carolíngio (séculos VI ao X). **Revista Brathair**, n.1, v. 1, p. 59-74, 2001.

<sup>12</sup> O tempo de Carlos Magno foi caracterizado, segundo Le Goff, pela busca autêntica da Bíblia e pela reforma da escrita. (LE GOFF: 2005, 68)

<sup>13</sup> Estas querelas correspondem ao Iconoclasmo, caracterizado pelo cristianismo oriental (Bizâncio). Na verdade, o propósito essencial dos livros carolíngios era elaborar uma posição franca distintiva sobre uma questão importante: a controvérsia entre a posição atribuída às imagens tanto em Bizâncio quanto em Roma que, criando um tipo de veneração e uma compreensão da fé, entrava em desacordo com as autoridades ocidentais. (ANGOLD: 2002, 97)

<sup>14</sup> RICHÉ, Pierre. As bibliotecas e a formação da cultura medieval. In: BARATIN, Marc, JACOB, Christian (orgs.). In: **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000. p. 246-256.

<sup>15</sup> "...copiar os livros santos é fazer a obra de oração, e o escriba não está privado de sua recompensa própria. Mais que mandar a vinha, é bom copiar o livro: ali se trabalha para o ventre, aqui para a alma. Do novo e do antigo, tudo pôr para produzir livros com abundância (...)"'. Parte da inscrição citada no texto retirada de RICHÉ: 2000, 251.

<sup>16</sup> *Commanditaire* é o nome em francês para as pessoas que faziam as encomendas de livros (BNF, *dossier pédagogique - Jean Fouquet - gros plan - L'atelier du copiste*. Disponível em <http://expositions.bnf.fr/fouquet/grosplan/>. Acesso em: 16 janeiro 2007). Carlos Magno encomendava pessoalmente os seus LIVROS, não somente para seu uso pessoal, como também e principalmente para a capela palatina. CASSAGNES-BROUQUET, Sophie. **La Passion du Livre au Moyen Age**. Rennes: Editions Ouest-France, 2003. p.38.

<sup>17</sup> Cf. VITORETTI : 2004, 38.

<sup>18</sup> RICHÉ, Pierre. **Les carolingiens: une famille qui fit l'Europe**. Paris: Hachette, 2005.

<sup>19</sup> Ibid 11.